

A QUESTÃO IDENTITÁRIA NA POESIA: UMA ANÁLISE DE *RAIZ DE ORVALHO*, DE MIA COUTO

Odara Perazzo Rodrigues*
Alana de Oliveira Freitas El Fabi**

RESUMO: Desde o processo que culminou na independência das colônias africanas, a literatura produzida na África de Língua Portuguesa objetiva ressignificar a identidade desses recentes países. Mia Couto, escritor moçambicano, se destaca no papel de ressignificar a identidade Moçambicana através da literatura. Suas obras, que variam entre prosa e poesia, utilizam-se de vários mecanismos de resistência anticolonial, sendo possível observar na sua produção poética a abordagem de questões acerca da hibridização da identidade nacional, fruto das décadas em que o país esteve sob o domínio do sistema colonial. Com este trabalho pretende-se analisar os poemas *Identidade* e *Sotaque da terra* que compõem a coletânea *Raiz de orvalho e Outros Poemas (1999)*, observando como, através da poesia, o autor busca dar um novo significado à identidade nacional moçambicana. Para atingirmos tal objetivo, iremos utilizar estudos teóricos de Octávio Paz e Stuart Hall, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Literatura pós-colonial; Mia Couto; Poesia.

Moçambique: sistema colonial e hibridização cultural

Desde a chegada dos portugueses ao continente africano, as regiões, então feitas colônias, sofreram com o domínio físico, cultural e moral exercido pelos colonizadores. O sistema colonial não só impôs a sua cultura aos povos colonizados, como utilizou estratégias de silenciamento da cultura tradicional africana. Moema Parente Augel (2007,

* Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs).

** Professora Titular de Literatura Portuguesa e Brasileira da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs). Doutora em Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia (Ufba).

p. 126) afirma que “O colonizador partia de suas verdades absolutas e da negação absoluta do nativo enquanto sujeito. A estratégia era ignorar ou silenciar as culturas dos colonizados.”. A partir dessa afirmação, observamos que para o colonizador português a sua cultura era superior à cultura dos povos que colonizava, logo, essa deveria ser totalmente esquecida para dar lugar a perpetuação da cultura ocidental.

O sistema colonial português em terras moçambicanas teve início quando, em 1498, como parte da rota de sua viagem à Índia, o navegador português Vasco da Gama chegou à ilha de Moçambique. No ano de 1752, foi instituído um governo colonial autônomo em Moçambique, dando continuidade, por séculos, ao processo de exploração e subordinação cultural ao qual a população local foi subjugada.

Em 1964, o grupo político intitulado de Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) iniciou a luta armada contra o regime colonial português e, após dez anos de guerra colonial, em 25 de junho de 1975, a independência de Moçambique foi finalmente proclamada, começando aí um novo processo para reconquistar a autonomia política e cultural desse novo país. Porém, mesmo após a proclamação da independência, os conflitos internos existentes na Frelimo de ordem político-ideológica, racial e étnico-regionais, fizeram com que a luta armada continuasse. Assim, como muitas ex-colônias portuguesas, Moçambique mergulhou em um longo período de guerra civil que, associada a uma grave seca, causou fome e destruição por todo o país, tendo fim somente em 1992.

Nos anos que se seguiram ao fim da guerra, até os dias atuais, Moçambique segue lutando pela sua reestruturação física e identitária, aspectos abalados pelos séculos em que esteve sob o domínio de Portugal e com os diversos conflitos armados que sua população teve que enfrentar.

O choque cultural provocado pelo processo de colonização nas colônias africanas, fez surgir uma nova cultura e uma nova forma de se reconhecer desse povo, que ficou em evidência no período posterior aos conflitos em prol das independências desses países. Em seu livro, *A identidade cultural na pós-modernidade* (2014), Stuart Hall (p. 24) afirma que para o sujeito pós-moderno “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do

tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.”.

A partir dos conceitos expostos por Hall, podemos perceber que, embora a identidade nacional dos povos que hoje constituem Moçambique estivesse consolidada com sua cultura e tradições autóctones, o encontro com a cultura do colonizador acabou por fazer surgir um novo conceito de identidade nacional, pois esta, ao contrário do que se pensava anteriormente, não é unificada e estável, é, na verdade, fragmentada e móvel, podendo se adequar e se modificar a depender do contexto, e podendo também apresentar características contraditórias, como no caso dos povos submetidos ao domínio colonial.

As mudanças e transformações por quais estão passando as sociedades, a exemplo da globalização que proporciona o contato com diferentes culturas, fez surgir o processo de formação identitária conhecido como hibridismo ou hibridização. Tal processo é o que deu origem as identidades nacionais existentes hoje nos ambientes pós-coloniais, como iremos observar posteriormente na análise dos poemas de Mia Couto.

No ensaio intitulado *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual* (2014), Kathryn Woodward define o hibridismo da seguinte maneira:

Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o hibridismo – a mistura, a conjunção, o intercuro entre diferentes raças – coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. [...] A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. (2014, p. 87)

A afirmação de Woodward corrobora o conceito apresentado por Hall anteriormente, onde a identidade é tida como algo móvel, estando sempre aberta e passível de mudanças, sendo perceptível que as identidades formadas nos espaços pós-coloniais, apresentam características tanto da cultura original, do povo colonizado, como da cultura do colonizador opressor. Tal processo nem sempre se dá de maneira pacífica, como é o caso do continente africano, pois o contato com diferentes culturas não se deu

de maneira voluntária e sim através de uma imposição, o que acabou por gerar na população um sentimento de divisão e não pertencimento, e que atualmente está sendo representado na literatura. É sobre uma dessas manifestações, a poesia do escritor moçambicano Mia Couto, que trataremos a seguir.

Mia Couto e a poetização da escrita

António Emílio Leite Couto nasceu na Beira, Moçambique, em 5 de julho de 1955. Filho de pais portugueses estudou medicina por um tempo optando depois por biologia, área em que se graduou. Trabalhou como jornalista e atualmente atua como escritor e como pesquisador na área de ciências biológicas.

Como escritor, Mia Couto tem várias publicações, sendo elas de poesias, contos e romances. São alguns deles: *Raiç de Orvalho* (1983), *Terra Sonâmbula* (1992), *A Varanda do Frangipani* (1996), *Vinte e Zinco* (1999), *O último voo do Flamingo* (2000), *Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra* (2002), *O Outro Pé da Sereia* (2006), *Veneno de Deus, Remédios do Diabo* (2008) e *Antes de Nascer o Mundo* (2009).

A literatura teve um papel de destaque em dois momentos importantes da história das colônias africanas. Na fase em que o sistema colonial português começou a entrar em declínio na África, entre os anos de 1965 e 1975, a literatura foi utilizada como meio de expressar as ideias revolucionárias daqueles que desejavam a independência de seu país; e a partir do pós-independência até os dias de hoje, a literatura africana é utilizada como meio de ressignificar a identidade das ex-colônias após tantos anos sob o domínio do sistema colonial português, assim como pôr em destaque a discussão sobre as identidades híbridas.

É nesse segundo momento que se encaixa a obra de Mia Couto, cujas produções são baseadas na cultura de seu país, no resgate da tradição oral e da sabedoria popular africana e na representação do conflito identitário enfrentado pelos povos africanos após o processo de independência. Para isso ele utiliza diversos recursos, como: mitos e lendas típicas de Moçambique, a utilização do sobrenatural para explicar situações cotidianas e a chamada reinvenção da língua portuguesa, onde ele utiliza a língua de uma maneira

inovadora para tentar expressar os sentimentos de um povo em processo de reencontro com a sua tradição.

Sobre o projeto literário de Mia Couto, conhecido como projeto de moçambicanidade, Jane Tutikian, autora de *Velhas identidades novas* (2006), afirma que:

[...] Mia Couto deposita o seu grande projeto literário, o projeto de moçambicanidade, o desvendamento da identidade de um país esquecido de si devido aos mecanismos impostos pelo curso da História, pelo colonialismo, pela primeira e segunda guerra coloniais, a tentativa de despertá-lo do desatento abandono de si. (2006, p. 60)

Para Tutikian, o grande objetivo da obra de Mia Couto é ressignificar a cultura e as tradições moçambicanas que, por muito tempo, ficaram oprimidas em decorrência do contato com o colonizador português, assim como utilizar as suas obras a fim de expressar as inquietações enfrentadas pelo povo moçambicano em decorrência do contato e influência da cultura do colonizador.

Como afirmamos anteriormente, Mia Couto é um autor bastante diversificado, cuja produção varia entre prosa, na forma de romances, contos e crônicas, e poesia. E todos os gêneros literários nos quais escreve, são utilizados pelo autor de forma constante para representar os conflitos identitários do seu país. Em seu livro *O Arco e a lira* (1982), Octávio Paz afirma que,

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. [...] Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem. (1982, p.15)

Na descrição feita por Paz sobre o fazer poético, como mostra a citação acima, percebemos que uma das funções da poesia é expressar e dar forma a sentimentos humanos, além de servir como forma de expressão histórica. Na poesia de Mia Couto é claramente perceptível tais funções, pois, ao mesmo tempo que o autor utiliza o *eu* poético para expressar suas incertezas com relação a sua identidade, há também a

utilização da poesia como forma de veículo propagador dos conflitos enfrentados por uma nação no decorrer da sua história.

Embora seja mundialmente conhecido por seus romances e contos, foi na poesia que Mía Couto iniciou o seu fazer literário. Aos 14 anos Mía publicou os seus primeiros versos no jornal *Notícias da Beira* e, em 1983, publicou o seu primeiro livro, a coletânea de poemas *Raiç de orvalho*, que foi republicado em 1999 sob o título de *Raiç de orvalho e Outros Poemas*. A maioria dos poemas contidos em ambas as coletâneas são datados do final da década de 70 e década de 80, período que seguiu a luta e posterior independência de Moçambique.

Uma das características mais marcantes da escrita de Mía é a forma como ele se apropria da língua portuguesa e a transforma, pondo em prática a estratégia de resistência anticolonial de nacionalização da língua do colonizador. Ele traz em suas narrativas uma nova maneira de utilizar a língua portuguesa que acaba por culminar em uma forma de poetização da linguagem, onde o lírico é por muitas vezes percebido na prosa. No prefácio de *Raiç de orvalho e Outros Poemas*, o autor afirma como a poesia contribuiu para a sua posterior produção literária de prosa:

Assumo estes versos como parte do meu percurso. Foi daqui que eu parti a desvendar outros terrenos. O que me liga a este livro não é apenas memória. Mas o reconhecimento de que, sem esta escrita, eu nunca experimentaria outras dimensões da palavra. (COUTO, 1999, p. 7)

A partir dessa afirmação, percebemos como foi importante para o escritor ter iniciado a sua produção literária na poesia e como este gênero, ao qual ele se dedicou inicialmente, tem exercido um reflexo em todas as suas obras que vieram a seguir.

A poesia de Mía Couto se diferencia pela maneira como o autor optou por utilizá-la como uma forma de diálogo com a sociedade da época, denunciando a posição do povo moçambicano em meio a uma crise identitária causada por um sistema que desfavorecia a cultura local. Em seu livro, *O ser e o tempo na poesia* (2000), Alfredo Bosi aborda essa função da poesia quando afirma que,

Quanto às relações do poema com os tempos da sociedade, importava trazer à luz da consciência as respostas muitas vezes tensas que a obra poética dá às ideologias dominantes, venham estas do mercado, do poder do Estado ou das várias instituições senhoras da palavra. (2000, p. 12)

Mia Couto utilizou o seu fazer poético tanto para expressar os seus questionamentos sobre a sua identidade, quanto para expressar os questionamentos de toda uma nação, como veremos na análise dos poemas a seguir.

Raiz de orvalho e Outros Poemas: ecos da identidade moçambicana

Publicado inicialmente em 1983 sob o título de *Raiz de orvalho*, a coletânea foi republicada em 1999, dessa vez intitulada de *Raiz de orvalho e Outros Poemas*, onde constavam algumas modificações: alguns poemas foram excluídos e outros incluídos, pois, como afirma Mia Couto (1999, p. 7) no prefácio da obra, “Hesitei muito e muito tempo até aceitar republicar este livro de versos. [...] Alguns não resistiram ao tempo, outros adoeceram de serem tão íntimos.”. A maioria dos poemas contidos em ambas as coletâneas são datados do final da década de 70 e década de 80, período que seguiu a luta e posterior independência de Moçambique.

Já no título da obra podemos inferir a intenção do autor em remeter a tradição, representada pela “raiz”, e a inovação, representada pelo “orvalho”. De acordo com Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, no *Dicionário de símbolos* (1998, p. 664), “O simbolismo do orvalho é em geral semelhante ao da chuva, [...]. Expressão de benção celeste, ele é essencialmente a graça vivificante.”. No título, a ideia do “orvalho” remete ao recomeço pelo qual passava o recente país independente que era Moçambique. Tendo também em muitos povos o significado de fecundidade, poderíamos ainda associar a representação do “orvalho” com os frutos futuros que a independência dessa colônia viria trazer. Já a “raiz”, também mencionada no título da obra, entende-se como a forte ligação que o povo possui com a tradição e cultura local, remetendo aos seus antepassados.

Se olharmos pelo prisma histórico, entendemos que ao utilizar esses dois elementos da natureza, a raiz e o orvalho, já no título da obra, cujos significados são tão

paradoxos, Mía Couto nos dá indícios da temática que viria abordar na sua poesia: a crise identitária enfrentada pelo povo moçambicano após a independência. Sendo isso algo vivido e experienciado pelo próprio autor, não nos é estranho que ele tenha utilizado de sua própria experiência para compor seus versos, pois, como afirma Octávio Paz (1982, p. 230), “O poeta fala das coisas que são suas e de seu mundo, mesmo quando nos fala de outros mundos: [...]. O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou a ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas.”.

O primeiro poema que nos propomos a analisar, que é também o primeiro da coletânea, é intitulado de *Identidade* (1999, p.13). Datado de setembro de 1977, o poema é fortemente marcado pelo *eu* poético que a todo o momento se expressa em primeira pessoa, e traz como temática a preocupação do sujeito em autodefinir-se:

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem inseto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato
morro
no mundo por que luto
nasço

Nos dois versos iniciais (Preciso ser um outro / para ser eu mesmo) percebemos o contraponto entre as ideias de identidade e alteridade. Para o *eu* poético, a afirmação da sua identidade depende do seu reconhecimento no *outro*, em outras culturas, em

diferentes povos. Tais versos fazem menção à experiência colonial, momento em que houve uma espécie de choque entre as culturas do colonizado e do colonizador, dando origem a uma cultura híbrida.

No ensaio intitulado *Quem precisa da identidade?*, parte integrante da coletânea *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais* (2014), Stuart Hall afirma que,

[...], as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*¹, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído. (HALL, 2014, p.110)

A afirmação de Hall corrobora o sentimento expresso pelo *eu* poético de que a experiência da alteridade é essencial para que a identidade seja estabelecida, demonstrando assim a presença e a convivência de elementos antagônicos no espaço pós-colonial moçambicano, sendo possível interpretar por esse viés a metáfora existente nos dois versos que se seguem (Sou grão de rocha / Sou o vento que a desgasta).

As sensações de não pertencimento e instabilidade causadas pela nova realidade que o povo moçambicano teria que enfrentar, após séculos sob o domínio do sistema colonial português, estão expressas, a partir da nossa interpretação, no quinto, sexto e sétimo versos do poema (Sou pólen sem inseto / Sou areia sustentando / o sexo das árvores). A imagem do pólen sem o inseto para auxiliar na germinação da sua espécie remete a incerteza do povo africano sobre a perpetuação da sua cultura no futuro. O mesmo acontece com a utilização da imagem da areia, algo instável e movediço, servindo como o solo onde árvores se reproduzem, onde a areia representa o povo moçambicano no período do pós-independência e as árvores as gerações futuras que neles teriam que se espelhar e apoiar.

No decorrer do poema há a forte presença de versos que representam o reflexo e

¹ Grifo do autor

o estranhamento que o contato com a cultura do colonizador opressor causou ao povo colonizado, como é o caso do oitavo verso (Existo onde me desconheço), que expressa o sentimento desse povo e a sua convivência em um espaço de culturas híbridas onde o passado e o futuro se alternam para consolidar a identidade nacional. O *eu* poético corrobora a sua ideia do processo de formação de identidade no nono e no décimo verso do poema (aguardando pelo meu passado / ansiando a esperança do futuro), sugerindo que a formação da identidade nacional futura parte de um diálogo com o passado.

Os dois últimos versos do poema (No mundo que combato / morro / no mundo por que luto / nasço) trazem em suas linhas os ares que pairavam sob Moçambique na década de setenta, quando o mesmo foi escrito, logo após o fim da guerra colonial, representada pela ideia de “combater” e “lutar”. Há também aí a utilização dos verbos “morrer” e “nascer” de maneiras simbólicas, representando a perspectiva de renascimento e reconstrução. O mundo que o *eu* poético combate é entendido como o passado colonial de seu país, tendo esta consciência que a formação da sua identidade se faz no espaço construído no presente, justificado pela utilização dos verbos que constroem o poema nos tempos do presente do indicativo e gerúndio.

O poema *Identidade* traz um *eu* poético em conflito, em um período de transição cultural e rompimento com o passado, dando espaço para a construção de uma identidade futura, que, como pontua Stuart Hall,

[...] não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiraram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (2014, p.52)

O segundo poema que nos propomos a analisar é intitulado de *Sotaque da terra* (1999, p.63) e tem como temática principal a relação entre o *eu* poético e sua terra:

Estas pedras
sonham ser casa

sci

porque falo
a língua do chão

nascida
na véspera de mim
minha voz
ficou cativa do mundo,
pegada nas areias do Índico

agora,
ouço em mim
o sotaque da terra

e choro
com as pedras
a demora de subirem ao sol

Entendemos a utilização da palavra “sotaque” no título do poema como a representação de algo único relacionado a terra, a sua nação; uma maneira única e distintiva da terra expressar-se, demonstrando assim uma forte conexão entre o *eu* poético e sua terra.

Tanto na primeira como na última estrofe há menção a um elemento bruto da natureza: as pedras. De acordo com Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1998, p.696), “A pedra, como elemento da construção, está ligada ao sedentarismo dos povos.”. Ela também é tida como símbolo de liberdade e símbolo da vida estática. As pedras mencionadas nos dois primeiros versos do poema (Estas pedras / sonham ser casa) são metáforas utilizadas para representar algo no seu estado bruto transformado em um lar, uma alusão a transformação que o povo moçambicano desejava para seu país. A ideia do coletivo é percebida pela utilização da palavra “pedra” no plural, expressando que essa não é só a vontade do *eu* poético, e sim de todo um povo. A utilização do pronome demonstrativo “estas” que inicia o primeiro verso, demonstra a proximidade e o envolvimento do *eu* poético com os elementos presentes na terra.

O *eu* poético que sonha com a reconstrução identitária de seu país, também demonstra intimidade com a sua terra ao afirmar na segunda estrofe (sei / porque falo / a

língua do chão) que fala a língua local e domina as especificidades desta, representadas pelo “sotaque da terra”.

O confronto cultural e linguístico sofrido pelo povo moçambicano no processo de colonização é expresso na terceira estrofe do poema, quando o *eu* poético atesta a antiguidade da “língua do chão” (nascida / na véspera de mim), fazendo menção a ancestralidade cultural e linguística do povo moçambicano. A sensação de aprisionamento causado pelo sistema colonial é representado no terceiro e quarto versos da terceira estrofe do poema (minha voz / ficou cativa do mundo), onde a palavra “voz” é utilizada simbolicamente para representar toda uma cultura que ficou reprimida durante o regime colonial.

Todas as inquietações expressas pelo *eu* poético neste poema culminam na ansiedade por mudança, por transformação, presentes na estrofe final do poema (e choro / com as pedras / a demora de subirem ao sol), onde as “pedras” são utilizadas metaforicamente para representar o povo moçambicano, cujo anseio atual é superar os séculos de submissão e confrontos coloniais.

Considerações Finais

Os séculos de domínio e opressão colonial ao qual foram submetidas diversas colônias africanas deixaram um legado de desestruturação física, cultural e identitária. A tradição e a cultura local, antes perpetuadas e repassadas por gerações, sofreram processos de apagamento e opressão, e hoje, nos espaços pós-coloniais, convivem com os traços adquiridos da cultura do colonizador, dando origem a uma nova identidade nacional, uma identidade híbrida.

A literatura teve e tem importante papel no processo de revitalização da identidade africana. Ela tem sido utilizada como meio difusor da história desses países, como meio de expressar os conflitos gerados pelo contato imposto com a cultura ocidental e como uma maneira de trazer a tona traços culturais típicos, antes reprimidos pelo colonizador.

Neste trabalho fizemos um apanhado histórico e social sobre Moçambique, ex-colônia africana, que após diversos conflitos armados teve sua independência proclamada

em 1975, e onde um escritor em especial se destaca no papel de ressignificar a identidade nacional através da literatura: Mia Couto.

Mais conhecido por suas obras em prosa (romances, contos e crônicas) foi na poesia que Mia iniciou o seu percurso literário e teve a oportunidade de iniciar o diálogo sobre os conflitos identitários enfrentados pelo povo moçambicano após a independência. O objetivo deste presente trabalho foi analisar como o *eu* poético dos poemas *Identidade e Sotaque da terra*, que integram a coletânea *Raiz de orvalho e Outros Poemas*, expressam as incertezas a respeito da sua identidade e do seu povo no período do pós-independência.

Partindo da ideia de que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente e que, na verdade, a identidade é móvel, construída e reconstruída nas relações cotidianas, concluímos que a identidade nacional que Mia Couto questiona na sua poesia é algo que se constrói hoje, no espaço vivo do conflito identitário e das ruínas deixadas pelo sistema colonial e pelas sucessivas guerras. Essa identidade não mais possui apenas as características da cultura moçambicana, ou tem a possibilidade de resgastá-las, na verdade ela é algo novo, fruto das relações construídas durante todo o processo de colonização do continente africano.

THE IDENTITY ISSUE IN POETRY: AN ANALYSIS OF *DEW ROOT*, BY MIA COUTO

ABSTRACT: Since the process that culminated in the independence of the African colonies, the literature produced in Portuguese-speaking Africa aims to resignify the identity of these new countries. Mia Couto, Mozambican writer, stands in the role of resignifying the Mozambican identity through literature. His works, that ranges between prose and poetry, use several anti-colonial resistance mechanisms, which can be seen in his poetry the approach of issues about the hybridization of national identity, the result of decades in which the country was under the rule of colonial system. This work aims to analyze the poems *Identity* and *Land Accent* that are part of the *Dew Root* collection and *Other Poems* (1999), observing, through poetry, how the author seeks to give new meaning to the Mozambican national identity. To achieve this goal, we will use theoretical studies of Octavio Paz and Stuart Hall, among others.

KEYWORDS: Identity; postcolonial literature; Mia Couto; Poetry.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombros*: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CHEVALIER, Jean; GHEEBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998.
- COUTO, Mia. *Raiz de orvalho e Outros Poemas*. Lisboa: Caminho, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- _____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença*: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103 – 133.
- PAZ, Octavio. *O Arco e a lira*. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- TUTIKIAN, Jane. *Velhas Identidades Novas*: O pós-colonialismo e a emergência das nações de Língua Portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença*: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7 – 72.

*Recebido em 17/09/2016.
Aprovado em 30/10/2016.*